



# Menos Invisíveis?

Por Gabriel Lopes

Capítulo 1

---

# Menos Invisíveis?

---

Por Gabriel Lopes



# Menos Invisível

Uma lei instituindo a política nacional para proteção aos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista acabou de ser promulgada. Mas a data, 27/12, espremida no meio do feriadão entre Natal e Ano-Novo, passou despercebida, assim como o problema, que atinge estimados 2 milhões de brasileiros - uma população três vezes maior do que a portadora de Síndrome de Down.

"Os autistas no Brasil são invisíveis. A população não sabe o que é, a maioria dos profissionais não sabe do que se trata", diz o psiquiatra Estevão Vadasz, coordenador do programa de transtornos do espectro autista do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo.

É quase um quebra-cabeça compreender e reconhecer o autismo, que pode se apresentar tanto numa pessoa com alguma habilidade extraordinária e boa cognição quanto em alguém com séria deficiência intelectual e que não consegue se comunicar verbalmente. Por isso, hoje, é chamado de espectro autista, um guarda-chuva que abriga os diversos graus de severidade do distúrbio. Os diferentes tipos têm três características em comum: comprometimento na área de comunicação e linguagem; transtornos de socialização; interesses restritos e comportamentos repetitivos.



São alterações que podem ser chamadas de comportamentais, mas a teoria mais aceita atualmente é a de que as causas são genéticas.

"Existem mais de mil genes possivelmente comprometidos que podem levar ao autismo. Uns poucos são herdados, mas, na maior parte, são mutações espontâneas e imprevisíveis, ocorrem por acidente", afirma Vadasz.

Os neurônios dos autistas são mais curtos e com menos ramificações, o que dificulta a condução, a transmissão e o processamento de informações. As alterações vão se manifestar até por volta de um ano e meio de vida.

## Invisibilidade

Isso aumenta a invisibilidade dessas pessoas. "Não dá para reconhecer pela aparência, é igual a de um bebê típico. E há casos em que o desenvolvimento no primeiro ano é normal e, depois, a criança deixa de falar e interagir. Imagine a angústia dos pais", diz Joana Portolese, neuropsicóloga e coordenadora da ONG Autismo e Realidade, de São Paulo.

Os casos em que o bebê começa a se desenvolver normalmente e depois volta para trás, chamados de autismo regressivo, correspondem a 10% dos autistas. Os outros 90% manifestam sintomas a partir do oitavo ou nono mês de vida, mas, na maioria das vezes, os sinais não são compreendidos pelos pais.

Embora não exista cura para o autismo, essas pessoas terão um prognóstico melhor se receberem tratamento - preferencialmente, o mais cedo possível.

As terapias incluem técnicas para desenvolver a comunicação por meio de cartões com figuras, criação de rotinas



rígidas e sensibilização e orientação das pessoas que convivem com o autista.

"É lugar-comum dizer que o autista não faz contato, mas não é bem assim. Eles entendem o que se passa ao redor. A questão é como as informações são colocadas por nós para eles", diz Portolese. (BIDERMAN, Iara. *Menos Invisível*. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 jan. 2012. Equilíbrio, p.3)

# Atividades

**1** Com base na leitura da reportagem acima, explique o porquê da escolha do título “Menos Invisível”.

**2** A escolha da expressão “menos invisível” pode indicar um possível posicionamento do jornal diante da promulgação da lei em favor de pessoas que sofrem com transtornos do espectro autista? Explique.

**3** Pode-se ainda evidenciar, por meio de outras escolhas lexicais do texto, o ponto de vista do jornal em relação ao tema em questão? Justifique.

**4** A fita constituída por peças de quebra-cabeça (veja imagem da página anterior) é o símbolo mundial da conscientização a respeito do autismo. A simbologia dessa figura remete à complexidade e ao mistério que cerca a patologia. Considerando essa informação e o conteúdo da reportagem “Menos Invisível”, determine possíveis significações da imagem que ilustra e antecede a matéria.

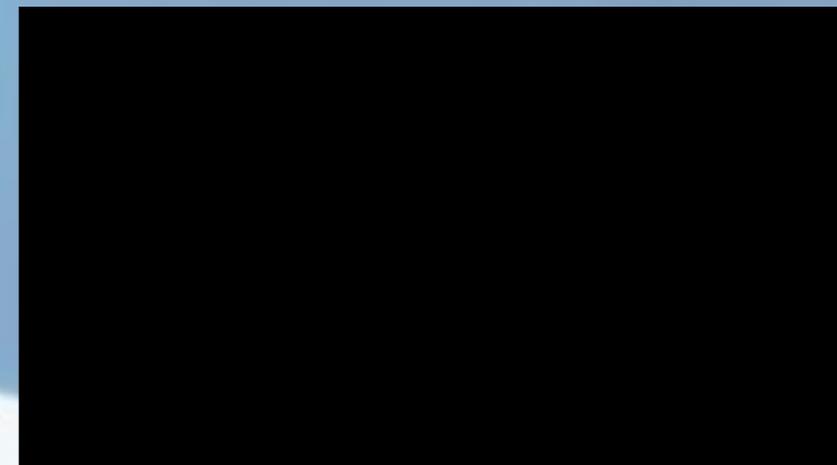
**5** Antes de ser promulgada em 27 de dezembro de 2012, a lei a favor dos direitos de inclusão escolar de indivíduos com transtorno do espectro autista suscitou muitas críticas e pedidos de veto. Tais pedidos foram motivados por um trecho específico de seu 7º artigo, transcrito a seguir. Leia-o, aponte o trecho motivador da polêmica e explique como ele comprometeria os direitos dos autistas.

Art. 7º O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos.

“§ 1º Em caso de reincidência, apurada por processo administrativo, assegurado o contraditório e a ampla defesa, haverá a perda do cargo.

“§ 2º Ficam ressalvados os casos em que, comprovadamente, e somente em função das especificidades do aluno, o serviço educacional fora da rede regular de ensino for mais benéfico ao aluno com transtorno do espectro autista.”

*(Lei nº 12.764, Art. 7º)*



*Para mais informações sobre o autismo, assista ao documentário acima produzido pela MTV.*

# Politicamente Correto?

---



# Ó Ano das Criancinhas Mortas



Ao contrário do habitual, não escrevo sobre projetos, sonhos, depressões e culpas que para muitas pessoas caracterizam as festas de fim de ano. Não sou qualificada a falar do tema que elegi, a não ser como observadora das nossas glórias e misérias humanas: mas às vezes não dá para calar. Refiro-me ao que, tendo ocorrido há duas semanas, ainda me faz arrepiar a raiz dos cabelos: mais uma carnificina nos Estados Unidos, mais um **demente solto** a fuzilar gente inocente. Nesse caso, vinte criancinhas de 6 e 7 anos, e suas professoras (antes, a mãe do assassino). Já ocorreu neste nosso Brasil, embora, que eu saiba, uma vez ou duas, em uma escola no Rio, em um cinema em São Paulo. Já ocorreu numa escola na civilizadíssima Escócia e na mais civilizada ainda Noruega, onde um insano matou dezenas de jovens numa ilha sossegada.

Se nos Estados Unidos são frequentes essas matanças, por aqui morremos todos os dias nas ruas, nas casas, a tragédia é cotidiana: morremos mais aqui do que em qualquer guerra. Não sei se há muito a fazer, cada país tem suas características próprias, mas no caso dessas carnificinas por um desequilibrado deverá ser algo cirúrgico, rigoroso, ainda que sendo humano. Escapando de jogos políticos e outros interesses, o que é quase impossível, sobrepondo-se ao lastimável politicamente correto, o que exige coragem. Primeiro, precisamos de rigor no controle de armas. No Brasil e em outros países onde o narcotráfico é forte, a miséria grande e os vícios quase incontroláveis, compram-se armas de fogo por alguns trocados em qualquer beira de favela ou embaixo dos viadutos

Segundo, precisamos, sim, rever em toda parte nossos conceitos, leis e preconceitos quanto a doenças mentais. O politicamente correto agora é a inclusão geral, significando também que crianças com deficiência devem ser forçadas (na minha opinião) a frequentar escolas dos ditos “normais” (não gosto da palavra),



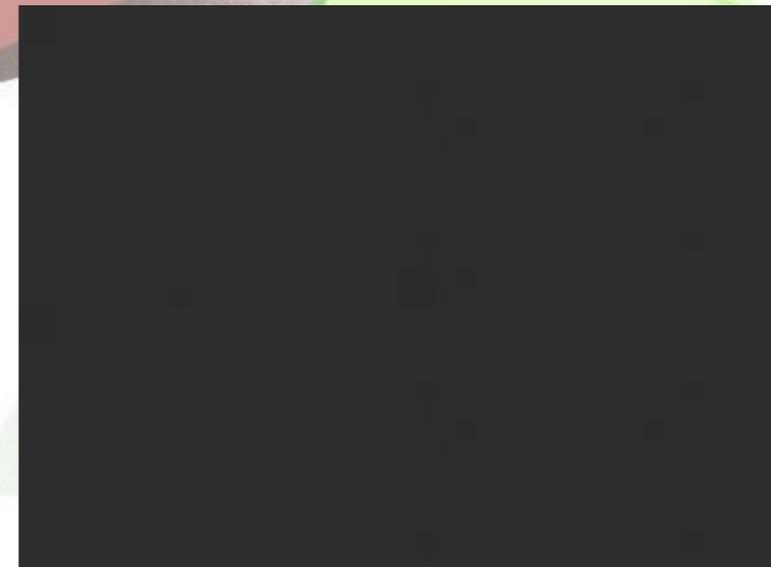
muitas vezes não só perturbando a turma, mas afligindo a criança, que tem de se adaptar e agir para além de seus limites — dentro dos quais poderia se sentir bem, confortável, feliz.

Pessoas com qualquer tipo de transtorno mental devem ser cuidadas conforme a gravidade de sua perturbação, que pode ser leve ou chegar a estados perigosos para si mesmas ou para os demais — o que na maioria das vezes irrompe ou se agrava no fim da adolescência. Mas em geral, pela tremenda dor de termos um filho ou filha com tais problemas, fingimos que nada ali é “anormal” (detesto essa palavra também).

É feio levar ao médico a criança com transtornos psiquiátricos, porque é feio desconfiar que um filho ou filha tem esse tipo de “problema”: é mais feio ainda aceitar tratamento (“remédios fazem mal”, “vacina me deixa doente”, “anticoncepcionais me atacam os nervos”). Pior que tudo, pensar em colocar mesmo nas melhores clínicas quem já não tem condições de viver e conviver com os outros na escola, na rua e até em casa. Parece ter sido o caso do jovem Herodes americano, que a mãe protegeu até onde foi possível, mas que, depois de a liquidar com vários tiros de arma pesada na cabeça, chacinou vinte inocentes criancinhas e seis professoras. Ao fim e ao cabo, chegando a polícia para interromper sua faina mortal, o rapaz se suicidou. Por alguns momentos, breves, o mundo respirou em relativa paz. (LUFT, Lya. *O ano das criancinhas mortas*. Veja, São Paulo, Ed.2032, n. 1, 2012.)



*Reportagem do Fantástico sobre a Síndrome de Asperger.*



*Sheldon e a Síndrome de Asperger*

# Atividades

- 1** Apesar de não fazer referência direta à lei aprovada em 27 de dezembro de 2012 a favor da inclusão escolar de autistas, o texto de Lya Luft, publicado em 2 de janeiro de 2013, discorre sobre questões referentes ao assunto, evidenciando sua postura diante do tema. Identifique o posicionamento da escritora, exemplificando-o por meio de fragmentos retirados do artigo.
- 2** Quais argumentos Lya Luft utiliza para sustentar seu posicionamento? Cite-os.
- 3** Ao longo de seu artigo, Luft estabelece uma relação entre o massacre de crianças ocorrido na escola Sandy Hook, nos Estados Unidos, e a política de inclusão escolar brasileira. Explique como se dá essa relação.
- 4** Logo no primeiro parágrafo, a escritora deixa clara sua indignação ante o massacre de Newtown: “Não sou qualificada a falar do tema que elegi, a não ser como observadora das nossas glórias e misérias humanas: mas às vezes não dá para calar.” É possível evidenciar a indignação da autora também por meio das escolhas lexicais de seu texto?
- 5** Essas escolhas lexicais e a relação estabelecida entre o massacre de Newtown e a política de inclusão escolar podem conter certo tom ofensivo a pessoas que dependem da inclusão no país e lutam por ela? Fundamente sua resposta.

Capítulo 3

---

# Produção Textual

---



# Propostas

**1** Coloque-se no lugar de uma **mãe** que, após ler o artigo de Lya Luft, decide escrever uma **carta do leitor a Veja**, **posicionando-se** diante da opinião da articulista da revista. Em seu texto, você deverá **explicitar** por que concorda ou não com argumentos de Luft.

Nesse exemplo, **Lya Luft e o Politicamente Correto**, você poderá observar as características estruturais do gênero proposto (linguagem, grau de formalidade, estrutura argumentativa), bem como utilizar em seu texto algumas ideias ali expostas. Utilize também as informações dos texto de apoio. Lembre-se de nunca recorrer a mera cópia da coletânea.

**2** Imagine-se como um **especialista em educação** convidado por um jornal de grande circulação a escrever um **artigo de opinião** sobre a lei de inclusão escolar de autistas e suas implicações. Em seu texto, você deverá escolher um **ponto de vista específico**, defendendo-o por meio de argumentos bem fundamentados.

**3** Imagine-se como um publicitário incumbido de criar um banner para o Dia da Conscientização do Autismo. Em seu trabalho, você deverá utilizar a cor azul, cor que representa o autismo, e expor elementos que favoreçam a compreensão do distúrbio, salientando a importância da inclusão social.



## Demente solto

Lya Luft se refere aqui a Adam Lanza, o atirador responsável pelo massacre na escola Sandy Hook, na cidade de Newtown (EUA) que ocorreu no dia 14 de dezembro de 2012, deixando 20 crianças mortas. Segundo informações veiculadas na mídia, Lanza era portador da síndrome de Asperger (ver infográfico do capítulo).

---

### Termos do Glossário Relacionados

Arraste os termos relacionados até aqui

---

**Índice**

Buscar Termo

**Capítulo 2 - O Ano das Criancinhas Mortas**

## Lya Luft e o Politicamente Correto

*Postado em janeiro 2, 2013 por Andrea Werner Bonoli*

Como todos já devem saber, Lya Luft escreveu, em sua coluna em uma revista de circulação nacional, um texto onde discorre sobre os assassinatos de Newtown.

Sinceramente, não tenho mais o que dizer sobre esse assunto...se ela tivesse parado nele. Mas ela fez menção à inclusão escolar e, sutilmente, à lei recentemente sancionada por Dilma Roussef, que reforça a necessidade das crianças autistas serem incluídas nas escolas regulares.

“O politicamente correto agora é a inclusão geral, significando também que crianças com deficiência devem ser forçadas (na minha opinião) a frequentar escolas dos ditos “normais“ (também não gosto da palavra), muitas vezes não só perturbando a turma, mas afligindo a criança, que tem de se adaptar e agir para além de seus limites — dentro dos quais poderia se sentir bem, confortável, feliz”, afirma.

“Politicamente correto” é coisa chata, só que não. Já repararam que, na maioria dos casos, quem reclama do politicamente correto é branco, heterossexual, neurotípico e não pertence a nenhuma minoria? Incrível isso!

E esse argumento, hein?! Que as crianças com deficiências vão ser “forçadas” a frequentar a escola regular? E terão que se adaptar e “agir para além dos seus limites”? Pôxa, Lya! Tenho que dizer que faltou originalidade aí! Esse foi exatamente o argumento usado por muitos conservadores, nos EUA, quando começou a discutir-se o fim das escolas para brancos e para negros. Que “isso seria ruim para os negros, que sofreriam muita discriminação se frequentassem as mesmas escolas dos brancos”. Ohhhh!

Esse, também, é um argumento parecido com o dos que dizem que “mulher não deve mostrar demais o corpo para não correr o risco de ser estuprada”.

Pois aí é que está a questão: para vivermos bem em sociedade, o segredo é ensinar as pessoas a não serem racistas, os homens a respeitarem as mulheres e todos a respeitarem e aceitarem as pessoas com deficiência!

E, para encerrar, a escola é o lugar onde TODOS têm que se adaptar. As crianças educadas, as bagunceiras, as mais e menos inteligentes. É na escola que se molda o indivíduo para conviver com os demais. E é agindo além dos limites que superamos nossas dificuldades. Não vai ser diferente com nossos filhos. É adaptando-os ao convívio social – e adaptando a sociedade a eles – que terão alguma chance de se tornarem independentes e produtivos no futuro.

Portanto, sinto muito dizer que nossos filhos vão, sim, continuar “perturbando” a turma. E a sociedade. Até que tenhamos um país realmente inclusivo, que saiba conviver com as diferenças e aprender com elas.

Segue o texto completo de Lya Luft. Se você quiser enviar uma carta à Veja sobre essa matéria, use o email [veja@abril.com.br](mailto:veja@abril.com.br).

(Retirado de <http://lagartavirapupa.com.br/blog/lya-luft-e-o-politicamente-correto/>)

---

### Termos do Glossário Relacionados

Arraste os termos relacionados até aqui

---

### Índice

Buscar Termo

Capítulo 3 - Propostas